

**RELIGIÕES, TROCAS E ESPAÇOS URBANOS: AS LOJAS DE ARTIGOS
AFRO-RELIGIOSOS NA CIDADE DE GOIÂNIA***

Nelton Moreira Souza, Alecsandro J. P. Ratts
Universidade Federal de Goiás- CEP 74001-970
E-mail: moreirasouza48@gmail.com/ Aaex.ratts@uol.com.br

PALAVRAS – CHAVE: Religiões, Cultura, Goiânia, Espaço Urbano.

* Revisado pelo orientador

1. INTRODUÇÃO

Este plano de trabalho se vincula ao projeto *Trajetórias intelectuais e territorialidades negras* desenvolvido no Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás (LaGENTE/IESA/UFG), com a coordenação do prof. Alecsandro (Alex) Ratts, onde são desenvolvidas pesquisas com trajetórias socioespaciais de indivíduos e grupos negros (dentre outros segmentos étnico-raciais): ativistas, intelectuais, quilombolas, congadeiros/as, domésticas, professores/as e religiosos, dentre outros.

As lojas “floras” de religiosidade afro-brasileiras são bastante visíveis na paisagem urbana e se configura nas dinâmicas internas da cidade, nas principais avenidas de maior fluxo, nos bairros centrais e nos pequenos pólos de comércio da metrópole. Por sua vez, a religiosidade, sobretudo o templo de umbanda e candomblé, é colocada à margem. Na maioria das vezes, estão localizadas em avenidas, e se configuram em bairros periféricos. A maior parte dos terreiros não tem identificação na fachada, são afastados dos bairros centrais e distantes dos centros comerciais

As lojas (ou “floras”) afirmam em suas fachadas nomes característicos das religiões afro-brasileiras como:

- | | |
|------------------------------|----------------------|
| ✓ Flora Pai José | ✓ Flora São Jorge |
| ✓ Flora Cabocla Jurema | ✓ Bazar Xangô |
| ✓ Flora Caboclo Sete Flechas | ✓ Flora Iemanjá |
| ✓ Flora Araújo | ✓ Flora Caboclo Tupã |

Portanto, mesmo com este processo de invisibilidade e marginalização por parte da sociedade que é de predominância cristã (TEIXEIRA, 2009), constatamos que no âmbito da cidade há existências de lojas “Floras” especializadas em artigos de religiosidade afro-brasileiras, sendo que muitas dessas lojas utilizam em suas fachadas comerciais nomes de orixás.

2. OBJETIVOS

- Identificar e analisar as lojas “floras” de artigos religiosos afro-brasileiros nas microrregiões comerciais de Goiânia, com o intuito de compreender o vínculo que elas têm com os cultos religiosos no contexto da sociedade contemporânea.
- Compreender o hibridismo religioso contido nestas lojas “floras” e a expressão religiosa que estas representam na paisagem.
- Identificar e analisar a existência de vínculo destes comerciantes e de suas lojas “floras” com as religiosidades afro-brasileiras.
- Identificar se as lojas “floras” de artigos religiosos têm vínculos com terreiros de umbanda e/ou candomblé.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como princípio a construção de uma base teórico-metodológica e coleta de dados que versava sobre religiosidade afro-brasileira e o comércio a ela vinculado. Referenciados nestas contribuições, os procedimentos e instrumentos de pesquisa foram construídos, utilizando as seguintes estratégias: questionários, fotografias e pesquisa participativa. O trabalho de campo foi um tipo de vivência, seguido da coleta de dados. Na concepção de Dencker (2000, p.137) este é o momento de “obter as informações sobre a realidade”. Dessa forma, a presente investigação trata-se de uma pesquisa voltada para a obtenção de dados qualitativo-descritivos. Como o universo era pequeno (8 lojas) optamos pela aplicação de questionários com os proprietários das lojas. Entendendo que a vivência pode ser mais interessante do que somente a análise quantitativa: o encontro, a conversa, as impressões e visões dadas no lugar como pesquisador.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E SUA ESPACIALIZAÇÃO

No decorrer do processo histórico e de colonização das Américas em especial, na colônia Portuguesa, num período de constante expansão e configuração das colônias, houve uma necessidade de mão de obra para o trabalho nestas terras, o que fez aflorar a

busca de pessoas para este fim. Neste contexto surge o tráfico de escravos da África para a colônia portuguesa que futuramente seria o Brasil. Assim, os negros africanos que eram vendidos de seus grupos locais, apresentavam visões de mundo particulares, diferenciadas em relação às demais religiões, especialmente ao cristianismo.

Dos muitos grupos de africanos vindos para o Brasil, três “nações”, grupos que tinham uma denominação no continente africano e recebem outra(s) em terras brasileiras, se destacaram para o surgimento do candomblé: os Ewe-Fon, ou nação Jeje; os Iorubas, ou nação Ketu e os bantos, ou nação Angola. Os Jejes vieram para o país no século XVI, na África eles habitavam próximo a Golfo do Benin, correspondentes aos países do Sudão, Nigéria, Benin. Os Bantos saíram da região de Moçambique, Angola e Congo, colonizados no Brasil no século XVII. Já os Ketus foram trazidos para o País somente no século XVIII, com os Jejes, também habitavam próximo ao Golfo de Benin-Nigéria. (SILVA, 1995).

Estes grupos eram obrigados a esquecerem suas raízes culturais e familiares pela violência, opressão e outros modos de coerção. Estes atos coercitivos não passavam de uma forma opressora que os colonizadores e os senhores de terras utilizavam para introduzi-los em um novo modo de vida: O regime de escravidão, também impondo o catolicismo e empregando-os no trabalho de monocultura nas lavouras. Esses grupos de indivíduos traziam formações religiosas plurais e múltiplas.

As imposições dos colonizadores, juntamente com a igreja, serviram para que estes africanos escravizados exercessem uma das mais conhecidas expressões de sua cultura, a reverência a seus orixás africanos. Tais cultos se davam nas imagens dos santos católicos que a igreja os obrigava a venerar e a aceitar.

Com o fim da escravidão e o processo de urbanização, em meados dos XIX, no Brasil ocorreu um forte processo de migração, da população negra para as grandes cidades brasileiras. Nesta dinâmica houve-se uma intensificação no número de terreiros de candomblé e, posteriormente da umbanda, nos complexos urbanos.

A umbanda surge entremeio a esta dinâmica, tendo englobado a sua formação características de diferentes religiosidades como: o catolicismo, o culto ameríndio e alguns fundamentos do kardecismo e dos cultos de candomblé.

Estes terreiros, local de reuniões de culto às divindades africanas e afro-brasileiras, localizados nos complexos urbanos, acabaram por fazerem parte da vida das cidades. Os terreiros nessa dinâmica passam a desenvolver um valor simbólico-cultural.

Neste processo de formação do território brasileiro, deu-se o que chamamos de justaposição de diferentes culturas e que hoje moldam identidades culturais múltiplas, plurais, que podem ser encontradas e serão expressas nos cultos afro-brasileiros, no catolicismo popular e em qualquer denominação religiosa, seja em lugares mais tradicionais ou nas grandes cidades (PRANDI, 1998).

A justaposição dos deuses africanos em imagens de santos cristãos e europeus foi uma das formas que estes povos encontraram para continuar exercendo suas práticas religiosas, praticavam um modo de resistência, retomando reminiscências e as reinventado através das danças, da capoeira, da medicina popular, dos hábitos, num processo que autores denomina de hibridismo cultural (CANCLINI, 2003).

Neste panorama exploratório busca-se entender a contradição existente entre as lojas de religiosidades negras e a não visibilidade dos terreiros de umbanda e o candomblé, como cultos de expressões híbridas, que sofrem nos dias de hoje. A idéia de culto e de marginalização virá amparada na constatação de Silva (1994), para quem

“os cultos afro-brasileiros, por serem religiões de transe, de sacrifícios de animais e de culto aos espíritos [...] tem sido associados a certos estereótipos como “magia negra” [...] superstições de gente ignorantes, praticas diabólicas, etc.”

Este teórico ainda complementa que muitas dessas “superstições” e desentendimentos foram reforçadas pelos primeiros estudiosos do assunto, que influenciados por ideais evolucionistas de predominância cristã no século XIX, entendiam as “religiões africanas como manifestações de transe e modelos primitivos e atrasados de culto”.

Pode-se afirmar, contudo, que se convive com muitas dessas manifestações de cultos africanos nas metrópoles e em grandes cidades brasileiras, dada nossa origem cultural, porém entendemos que estas se apresentam na invisibilidade (TEIXEIRA, 2009).

Assim como no pensamento vigente no século XIX, onde estes cultos representavam algum perigo e eram reprimidos pela polícia ou outros órgãos estatais.. Hoje eles são na sua maioria marginalizados espacialmente, em decorrência da falta de conhecimento e afirmação de uma única religião ou de religiões predominantes.

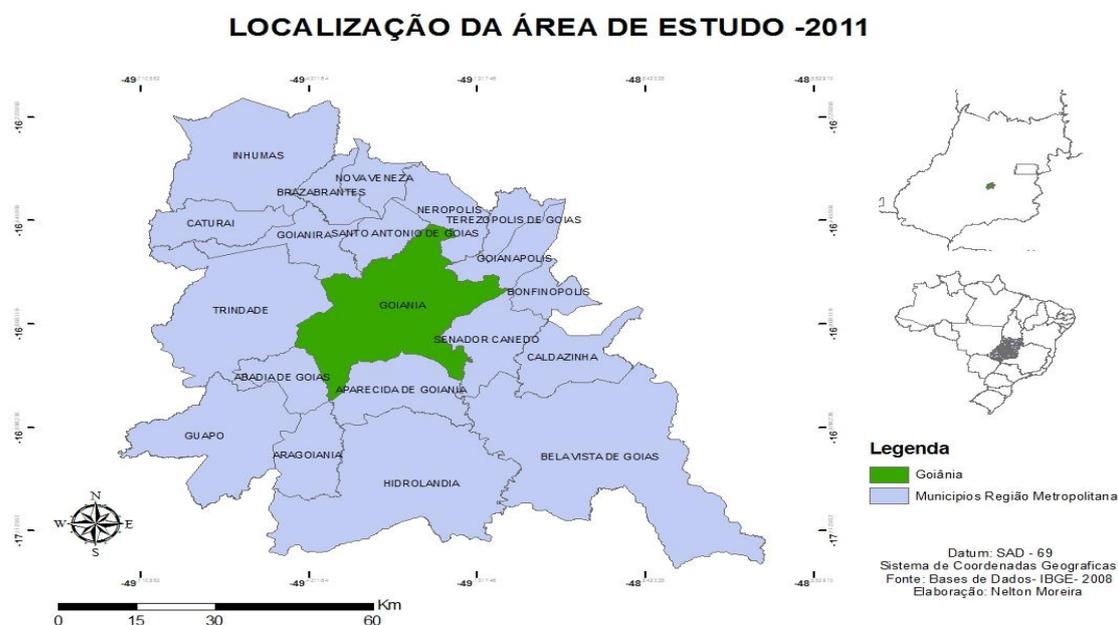
Comparadas as heranças africanas presentes em nossa cultura, temos o samba, a capoeira, a culinária (feijoada, cocada, acarajé, etc.), as variações na língua portuguesa, são influencias da cultura negra, já a religião e os cultos são expressões “escondidas”.

4.2. LOCALIZAÇÃO DAS LOJAS/ FLORAS EM GOIÂNIA

O breve enunciado a acima nos dá um dimensão de quanto a metrópole apresenta uma diversidade cultural religiosa, seja esta no âmbito da crença ou nas dinâmicas comerciais, sendo assim procuramos identificar como se apresenta essa diversidade na cidade de Goiânia, para tal finalidade trabalhamos na perspectiva do comércio religioso da cidade, com foco a partir das lojas/floras especializadas em artigos afro-religiosos.

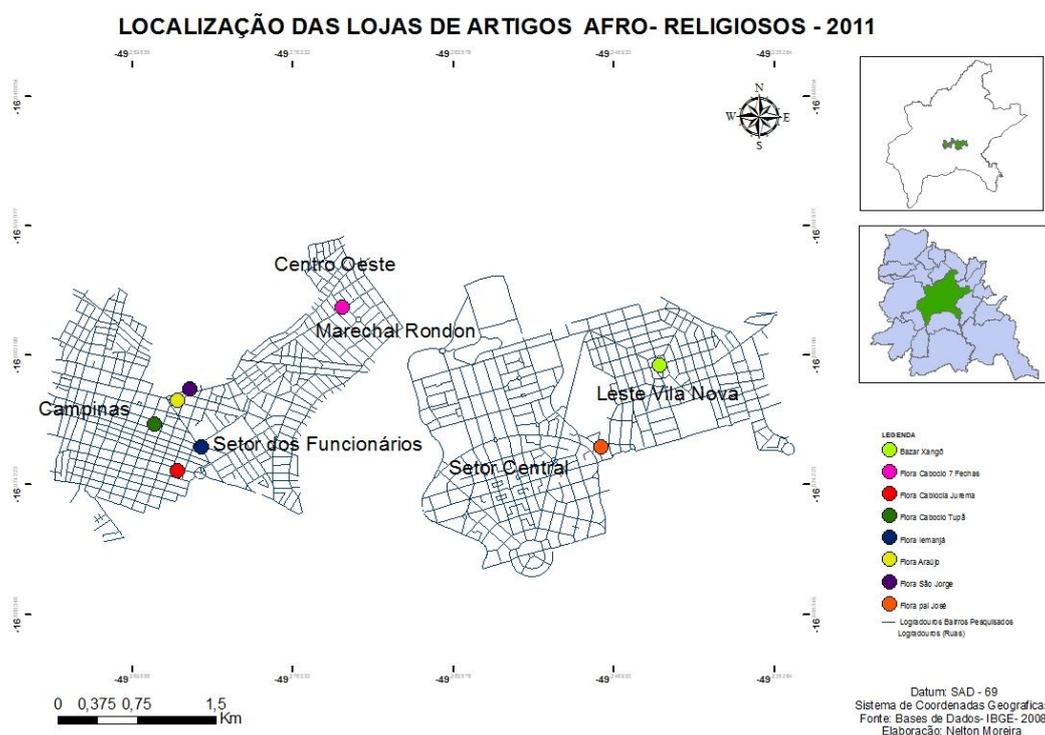
A cidade de Goiânia, conforme o mapa 01 abaixo foi para esta pesquisa o cenário onde tivemos a oportunidade para o desenvolvimento da referida análise.

Figura 1



Portanto, estas lojas/floras estão localizados nestas seguintes localidades conforme o mapa 02: sendo identificada em suas fachadas seus nomes característicos: Flora Pai José, Avenida Araguaia, setor Central; Flora Cabocla Jurema, Avenida Anhanguera no setor Campinas; Flora Caboclo 7 Flechas, Avenida Bernardo Sayão, setor Marechal Rondon, Flora Araújo, Avenida Bernardo Sayão, setor Centro- Oeste, Flora São Jorge, Avenida Bernardo Sayão, setor Centro- Oeste, Bazar Xangô, Avenida Santos Dumont, setor Leste Vila Nova, Flora Iemanjá, Avenida 24 de Outubro, setor dos Funcionários, Flora Tupã, Avenida 24 de Outubro, setor Campinas.

Figura 2



4.3. AS LOJAS/FLORAS, AS PAISAGENS E OS TERRITÓRIOS COMERCIAIS E RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS EM GOIÂNIA

Para início de nossa abordagem, realizaremos um breve histórico a respeito das categorias geográficas abordadas nesta pesquisa. Na década de 1980, o conceito de espaço, passa a ser uma das categorias de análise mais utilizadas em decorrência do desenvolvimento da geografia crítica. O espaço se consolida como sendo a categoria mais ampla da geografia, seguido da população e o território.

Para Silva (1986), a população vive em um território de que tem domínio e posse. As ações de vida expressas nesses territórios darão origem às paisagens geográficas diferenciadas. Portanto para o autor a paisagem seria compreendida como a quarta categoria de análise da Geografia.

Santos (2004) nos propõem categorias de análise para se estudar o espaço. Ele define que o estudo da dinâmica espacial deve se pautar nas categorias: “Estruturas”, “Processo”, “Função” e “Forma”. As seguintes categorias não devem se dissociar, atentando-nos para a questão da totalidade, da escala e do processo, do sistema que estrutura a relação entre os conceitos operacionais, que segundo ele seria: a organização espacial, a paisagem, o território, a região e o lugar.

Do mesmo modo como o “objeto” e “ação”, que são também norteadoras da análise geográficas, proposta por Milton Santos:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá. (SANTOS, 2004, p.63).

A afirmação acima tem como referência, a definição de espaço como sendo um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações, mais sobre a dinâmica e a transformação espacial, nos descreve:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem, de um lado, os objetos condicionam a forma com se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva a criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. (SANTOS. 2004, p.63).

Os seguintes sistemas interagem entre si, sendo o primeiro responsável por guiar ações, e o segundo, por criar os objetos novos ou obter-se sobre objetos preexistentes. Neste processo, é impossível compreender um separado do outro.

Para compreendermos essas categorias, necessitamos saber que ações exercidas sobre os objetos do passado fazem surgir o espaço geográfico, sendo que são esses objetos que orientam as ações da sociedade.

A paisagem para Santos (2008, p.68-73), está associada àquilo que a nossa visão alcança ou abarca, sendo compreendido como paisagem, não só os objetos fixos mais também os fluxos, neste sentido a paisagem “é formada não apenas de volumes, mas também, de cores, movimentos, odores, sons etc.”, ou seja, a paisagem “é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”.

Para Santos (2008), a paisagem não é o espaço, a primeira e uma adesão com a sociedade, segundo o autor resultaria no espaço. Para melhor compreendermos essa diferenciação entre ambos, ele nos apresenta:

A paisagem é diferente do espaço é a materialização de um instante da sociedade. Seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parados como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém movimento. Por isso, a paisagem e espaço são um par dialético. Completam-se e se opõem. Um esforço analítico impõe que os separemos como categorias diferentes, se não queremos correr o risco de não reconhecer o movimento da sociedade. (2008, p79).

Considerando a categoria território, Santos (2002, p.15), nos apresenta que em períodos anteriores o território era a base norteadora do estado-nação. Para ele o

território se distingue em duas interfaces, sendo o “território usado”, que se refere a “espaço geográfico”, sendo este um conceito indispensável para compreender a funcionalidade da sociedade atual. Partindo deste pressuposto, o território para o referido autor, se constitui em formas, enquanto o território usado se configura em ações e objetos que juntos correspondem ao “espaço humano”.

Tomando por base esta visão de Santos, Suertegaray (2001), em sua análise considera-se o “espaço geográfico”, como sendo o conceito primordial da ciência geográfica. Essa autora reconhece que o espaço geográfico, conforme proposto por Milton Santos, que se constitui em “um sistema de objetos e de ações”.

Portanto a partir desse conceito ela, desenvolve suas análises trabalhando com outros conceitos como: paisagem, território, lugar e ambiente, que em sua compreensão são considerados como conceitos mais operacionais. Segundo a autora, a paisagem nos possibilita analisar o espaço geográfico em um prisma tridimensional. Englobando “elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais”.

Segundo Claval (1999, p.50). “o novo contexto obriga, pois, os geógrafos a não negligenciarem as dimensões culturais dos fatos que observam”.

O espaço transforma em território oferece aos grupos uma base e uma estabilidade que eles não teriam sem isso. Faz nascer um sentimento de segurança. As paisagens que o caracterizam, os monumentos que nele se encontram tornam sensível a história coletiva e reforçam a sua força. O território constitui um dos componentes essenciais das identidades. (2002, p 33).

Partindo deste pressuposto e apoiado na concepção teórica Claude Raffestin (1993), cujo, o espaço antecede o território, sendo o território formado a partir das ações no espaço, Saquet (2007: p. 142) afirma que:

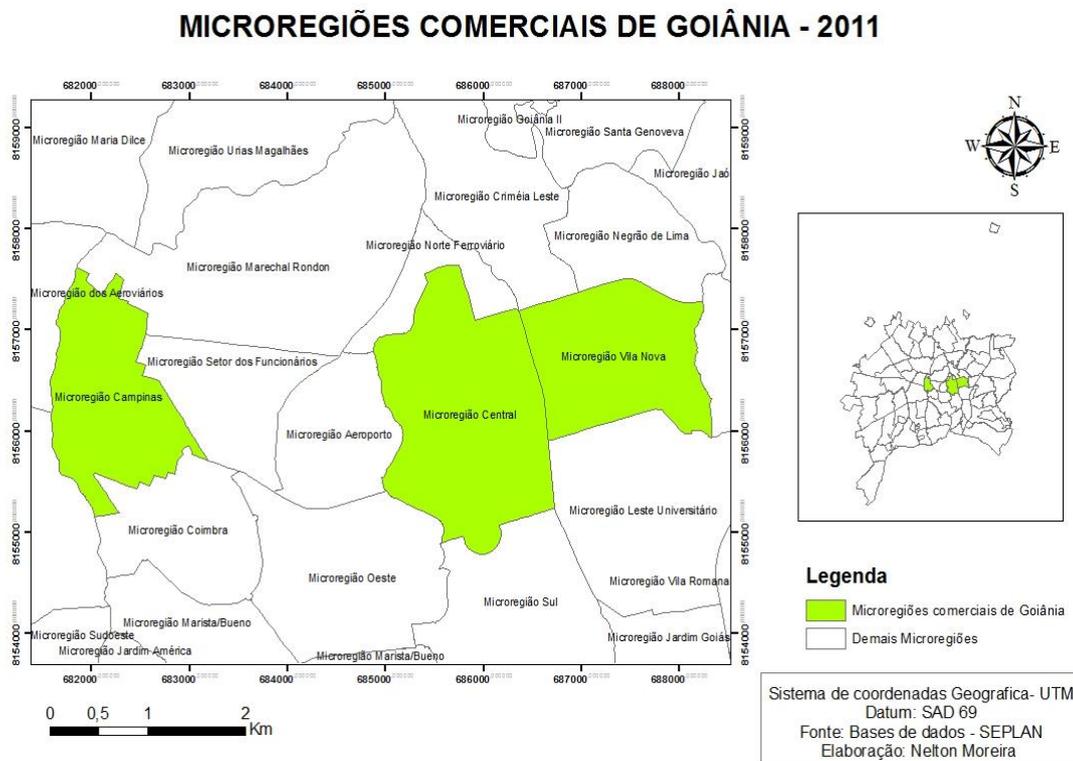
O território é chão, formas espaciais, relação sociais, e tem significados; produtos de ações históricas (longa duração) que se concretizam em momentos distintos e superpostos, gerando diferentes paisagens.

Neste panorama exploratório, adentramos a questão das lojas “floras” de artigos afro-religiosos, sendo que estas, além de produzirem dinâmicas da paisagem, constituem em um território bidimensional, o território comercial e o território religioso.

Reforçando esta questão de território comercial, podemos perceber este fato, claramente na dinâmica comercial que as lojas “floras” exercem. Tendo em vista que a maioria dessas floras está localizada nas microrregiões comerciais de Goiânia, que é composta pelos seguintes bairros: Setor Central, Setor Leste Vila Nova, Setor dos

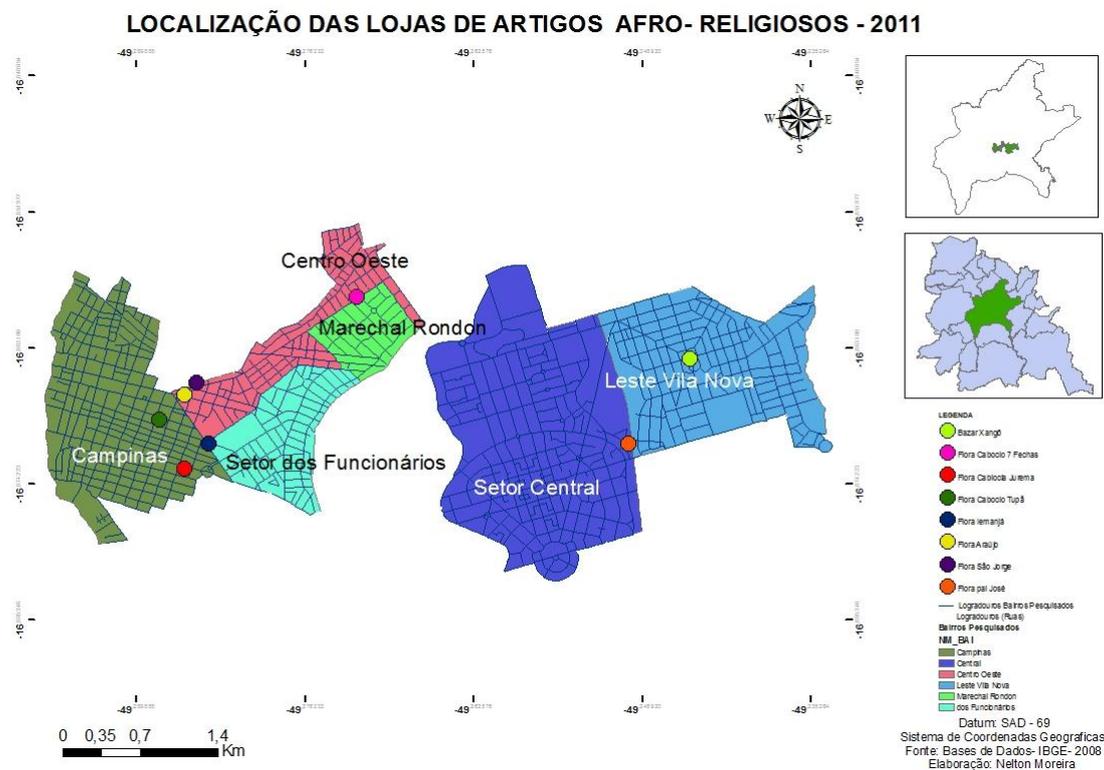
Funcionários, Setor Marechal Rondon, Centro Oeste, Campinas, conforme mapa 03 abaixo.

Figura 3



Podemos perceber que estas floras estão presentes em bairros antigos da capital, e conseqüentemente onde estão localizados os principais fluxos comerciais de Goiânia, tanto no âmbito do varejo/atacado.

Figura 4



Dando seguimento a nossa discussão a respeito do território comercial, outro ponto que demonstra a existência deste fluxo comercial é a diversidade de produtos encontrados nessas lojas/floras.

Tabela 01: Principais Mercadorias Encontradas nas Lojas/Floras

MERCADORIAS E PRODUTOS COMERCIALIZADOS				
VELAS	ESTATUETAS	ACESSÓRIOS	MATERIAIS	OUTROS
VELAS DE 7 DIAS	EXÚS	TAÇAS/LENÇOS	DEFUMADORES	CONSULTAS ESPIRITUAIS
VELAS NORMAIS	POMBA GIRA	BENGALAS/CACHINBOS	INCENSOS	LIVROS
VELAS 7 LINHAS	PRETOS	AGUIDARES/VASOS	ESSÊNCIAS	CD's
VELAS COLORIDAS	VELHOS	ROUPAS/MIÇANGAS	BANHOS	
	SANTOS CATÓLICOS	CARRANCAS/BÚZIOS / GUIAS	RAÍZES	
	ORIXÁS	BARRALHO	BEBIDAS	
		BARRALHO CIGANO	PREPARADOS	
		TAROT		
		INTRUMENTOS MÚSICAIS, ETC.		

Org. N, M, Souza.

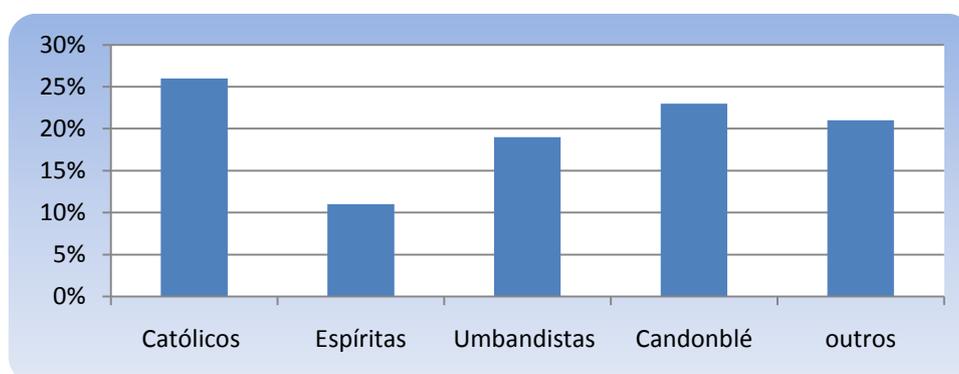
Figura 5: Produtos encontrados nas Lojas/Floras



Fonte: Trabalho de campo - N, M, Souza.
22/05/2011

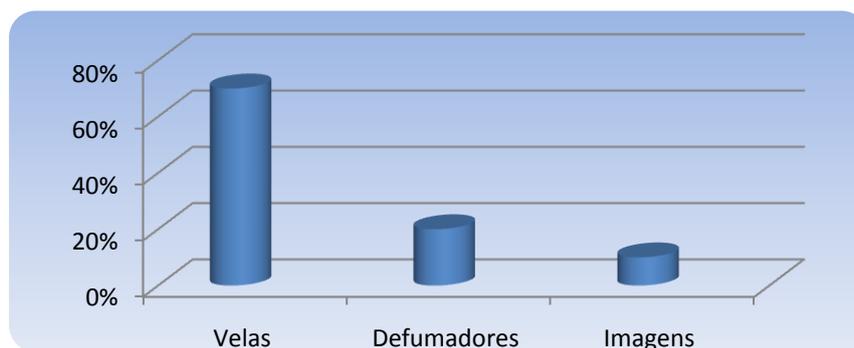
A tabela 01 nos apresenta uma dimensão da variedade de produtos encontrados, sendo que essas lojas abarcam uma diversidade de público: Católicos, Umbandistas, Candomblecista, entre outros. Conforme o gráfico 01 pode-se constatar essa diversidade

Gráfico 01: Religiosidade do Público Atendido



Org. N, M, Souza

Para tanto fica explícito a dinâmica comercial na qual se inserem essas lojas/floras. Sendo que estas lojas têm uma maior demanda e procura de produtos, neste contexto adentraremos ao território religioso, este que nos demonstra primícias de sua existência de acordo com a demanda e procura de produtos exemplificados conforme o gráfico 02 (abaixo).

Gráfico 02: Demanda de Produtos Mais Vendidos

Org. N, M, Souza

Neste gráfico, percebemos esta relevante procura dos seguintes produtos: velas, defumadores, imagens, sendo que estes produtos são utilizados por diversas religiosidades. No caso das velas estas são mais utilizadas pelos Católicos, Candomblecistas, Umbandistas. Os defumadores são mais utilizados pelas religiosidades de matriz africana (Umbanda e Candomblé), mas também apresenta um grande demanda por parte dos católicos. Isto se deva ao fato de que nos cultos afro-religiosos e nos cultos católicos se tem o hábito de defumar os altares onde se localizam os símbolos sagrados para essas religiosidades.

Figura 6: Artigos (velas) encontrados nas Lojas/Floras

Foto: Trabalho de Campo, N, M, Souza
22/05/2011

Portanto o território religioso é fundamental para a existência dessas lojas/loras, tendo em vista que estas existem em decorrência deste território, ou seja, as lojas desempenham o papel de nós, no território sendo que, estes nós reproduzem no território elementos e símbolos da religiosidade expressos na paisagem urbana. Deste modo percebemos que as lojas/loras, estão condicionadas em uma rede de comércio religioso, por terem relação de importação de materiais (Artigos Religiosos) de outros estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

5. COSIDERAÇÕES FINAIS

- Identificar e analisar as lojas “loras” de artigos religiosos afro-brasileiros nas microrregiões comerciais de Goiânia, com o intuito de compreender o vínculo que elas têm com os cultos religiosos no contexto da sociedade contemporânea.
- Compreender o hibridismo religioso contido nestas lojas “loras” e a expressão religiosa que estas representam na paisagem.
- Identificar e analisar a existência de vínculo destes comerciantes e de suas lojas “loras” com as religiosidades afro-brasileiras.
- Identificar se as lojas “loras” de artigos religiosos têm vínculos com terreiros de umbanda e/ou candomblé.

Diante dos objetivos propostos, consideramos que cumprimos a fase de identificação e localização das lojas/loras. No entanto, apesar de bastante visíveis na paisagem e de serem uma demonstração da existência de religiões afro-brasileiras, podemos perceber na pesquisa, que as lojas, com exceção de uma, não exercem relações de vínculo com os terreiros, a não ser na questão de fornecimento de artigos e demais objetos para estes grupos religiosos.

Deste modo compreende-se que as lojas/loras representam uma dinâmica comercial, e em decorrência dessa dinâmica expressa na paisagem elementos e símbolos das religiosidades matriz africana.

Referências

- CANCLINI, N.G (2003) **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade** São Paulo: EDUSP.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999
- DENKER, Ada F.M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. 4.ed. São Paulo: Editora Futura, 2000.
- PRANDI, R (1998), Sincretismo Braqueamento e africanização. Horizontes Antropológicos. Ano 4, No 8.
- RAFFESTIN,C. **Por uma Geografia do Poder** Sao Paulo: Editora Ática, 1993
- SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira** São Paulo: Editora Ática.
- SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6ª Ed. São Paulo: EdUSP, 2008.
- _____, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. São Paulo: EdUSP, 2004.
- _____, **O retorno do Território**. In : SANTOS, Milton A. de; SILVEIRA, Maria Laura. Território: Globalização e Fragmentação. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 15-20.
- SILVA, Armando Corrêa da. **As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico**. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia (Orgs). Espaço Interdisciplinar São Paulo, Nobel, 1986.
- SUERTEGARAY, D.M. Antunes. **Espaço Geográfico Usos e Múltiplo**. In: Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Barcelona: nº 93, 15 de Julio de 2001. Disponível em : <http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm>. Acesso em: 18 nov.2009
- TEIXEIRA, José Paulo. **Paisagens e territórios e religiosos afro-brasileira no espaço urbano: terreiros de candonblé em Goiânia**. Dissertação de mestrado em geografia. Goiânia: IESA/UFG, 2009 (mimeo).